

A Segunda Guerra Mundial em manuais de instruções norte-americanos: uma análise comparativa (1942-1945)

Anailza Guimarães Costa¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, em perspectiva comparativa, guias de instruções produzidos pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Analisamos as Instruções para os Soldados Americanos na Grã-Bretanha e as Instruções para os Soldados Americanos na França. Também buscamos fazer um contraponto dessas análises com o folheto 112 Gripes sobre os Franceses. O primeiro manual, produzido em 1942, tinha a função de instruir os soldados americanos enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, de orientar os combatentes americanos que se dirigiam à França em 1944. O folheto 112 Gripes, publicado em 1945, continha queixas de soldados americanos sobre os franceses. A partir disso, foi possível identificar esses guias como parte de um projeto de formação militar concebido pelo Estado americano com o objetivo de instruir os soldados quanto ao comportamento diante do habitante local, mas também como parte de uma política de afirmação do poder e da superioridade norte-americana.

Palavras-chave: Segunda Guerra; Instruções; Manuais; Soldados.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduada em História pela UFS, integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4551813576899261> Orcid: <http://orcid.org/0009-0006-3168-8946> Email: anailza@getempo.org

World War II in American instructions manuals: a comparative analysis (1942-1945)

Abstract: The objective of this work is to analyze, in a comparative perspective, instructions guides produced by United States in the Second World War. We analyzed the Instructions for American Servicemen in Britain and Instructions for American Servicemen in France. We also sought to make a counterpoint of these analyses with the leaflet 112 Gripes about the French. The first manual, produced in 1942, had the function of instructing the American soldiers sent to fight in Great Britain. The second, to guide American fighters who headed to France in 1944. The booklet 112 Gripes, published in 1945, contained complaints from American soldiers about the French. From this, it was possible to identify those guides as part of a military formation project conceived by the American state in order to instruct the soldiers concerning to the behavior before the local in habitant, but also as part of a policy of asserting American power and superiority. (2020).

Keywords: Decolonial Public History; Territoriality; Quilombola Identity; Mores.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um acontecimento histórico que até hoje choca a humanidade pela crueldade e morte de milhões de pessoas, incluindo civis e militares, seja nos campos de batalha ou longe deles. Todos foram afetados pela guerra e o mundo sofreu os impactos econômicos, políticos, sociais e culturais. O segundo conflito mundial foi o resultado de uma guerra que explorou todos os campos. A guerra foi mundial, total e interdependente¹. Mundial porque envolveu todas as nações do mundo, mesmo aquelas que não participaram nos combates diretos. Total porque abarcou todas as energias e atividades do mundo e não houve aspecto político, econômico e cultural que não acabou relacionado, direta ou indiretamente. Interdependente porque cada grupo combatente dependia um do outro, seja nas forças armadas, no fornecimento bélico ou nos bens de consumo. Tudo que fosse necessário para se manter na guerra e ganhar do seu inimigo foi utilizado.

Dentro desse contexto de um conflito que envolveu todos os recursos para vencer seus oponentes, houve uma preocupação não só com o físico do soldado, mas também com o psicológico, pois havia disputas ideológicas. De um lado, a Alemanha com Adolf Hitler e a Itália com Benito Mussolini querendo dominar o mundo e implantar seus regimes fascistas e de outro, Grã-Bretanha, França, União Soviética e Estados Unidos se unindo para lutar por uma dita democracia no mundo e conter o avanço da Alemanha, Itália e Japão com suas políticas expansionistas.

Cada nação envolvida na Segunda Guerra usou recursos de propaganda para combater seu inimigo. Programas de rádios, filmes, desenhos animados, cartazes e livros foram massivamente utilizados. A guerra foi travada para além dos campos de batalha. Houve uma verdadeira preparação com estratégias de todas as formas para vencer o inimigo e combater suas ideologias. Dentro desse

esforço de guerra, os Estados Unidos criaram o projeto da *Armed Services Editions* (ASE), editora que atuou de 1943 até 1946 e se especializou em publicar livros para os soldados em formato de livro de bolso, pequenos, de capa mole e leves para que os combatentes pudessem carregá-los nos seus fardamentos.

A editora ASE lançou um total de 1.200 títulos de livros com temas que pudessem distrair o soldado enquanto estavam numa espera entre uma batalha e outra ou à espera da recuperação de ferimentos em hospitais. Entretanto, esses livros não eram só para entretenimento, também serviam como arma para enfrentar seus inimigos. Em 1933 a Alemanha já sabendo do poder de um livro mandou queimar vários exemplares. Até 8 de maio de 1945, o dia da vitória dos aliados na Europa, mais de 100 milhões de livros foram destruídos no continente. Conforme Hitler ia conquistando cada território visando controlar as crenças ideológicas dos povos, os alemães expurgaram bibliotecas por toda a Europaⁱⁱ.

Dentro desse contexto de uma guerra travada também nas ideias, o governo dos Estados Unidos criou manuais de instruções que indicavam o comportamento que o soldado deveria ter com o habitante local que era um dos seus aliados na guerra, mas que fazia parte de um país estrangeiro, com hábitos e culturas diferentes. Para este texto, selecionamos os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942) e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944). Também, analisamos o livro *112 Gripes about the French* (1945), produzido pós libertação da França, que estava ocupada pelos alemães desde 1940. Analisamos como um contraponto entre orientações que já tinham sido dadas no manual produzido para americanos na França anteriormente e o comportamento dos soldados americanos com os franceses.

O primeiro manual publicado em 1942 foi direcionado aos soldados norte-americanos enviados para a Grã-Bretanha. O segundo, publicado em 1944, deu instruções para o combatente estadunidense enviado para lutar na França e o

terceiro manual, são queixas dos soldados americanos em relação aos franceses. Neste folheto, o governo americano elaborou respostas com soluções para resolver as reclamações e melhorar a relação do soldado americano com o habitante francês. Este último livreto, o *112 Gripes*, foi fruto de um contexto diferente, pois, os soldados americanos estavam na França no ano de 1945, após a libertação dos franceses do domínio alemão.

Ressaltamos que quando se trata de um conflito que teve proporções mundiais, civis são convocados de várias classes sociais, ou seja, pessoas que dificilmente teriam se imaginado lutando numa guerra, que não tinham preparo psicológico e que até mesmo nunca haviam saído de seu país. Pensando nisso, o Estado americano viu como necessário a criação de manuais de instruções para polir as ações dos soldados de acordo com os interesses do governo.

Nessa pesquisa, usamos cópias *fac-similares* que possuem o formato de livro de bolso. O *Instructions for American Servicemen in Britain* foi adquirido no *Imperial War Museum* da Inglaterra e o *Instructions for American Servicemen in France* juntamente com o *112 Gripes about the French* foram obtidos em uma livraria online dos Estados Unidos. Para fazer análises desses manuais e do livreto *112 Gripes* (1945), utilizamos o método da História Comparada.

Temos sociedades diferentes, Estados Unidos e França, com algumas analogias e próximas no tempo (1942-1945). Neste trabalho identificamos as semelhanças e as diferenças nos manuais, pois, “sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada”ⁱⁱⁱ. Segundo Neyde Theml e Regina Maria Bustamante^{iv}, “o conhecimento dos fenômenos sociais amplia-se com o diálogo e a comparação dos resultados de pesquisa”.

O uso da História Comparada possibilitou enxergar novos problemas e encontrar respostas que talvez de outro modo não conseguíssemos, visto que, ela obriga o pesquisador a buscar mais de uma realidade de estudo. Isso dá uma

ampliação da visão do campo de pesquisa, o privilégio de trabalhar com diferentes aspectos econômicos, sociais, de realidades diferentes e possibilita-nos um maior entendimento da problemática através da confrontação de realidades distintas.

Nesta pesquisa usamos Marc Bloch^v como principal aporte metodológico, através da História Comparada Problema. Buscamos observar através de diferentes manuais, como o governo americano pensou num projeto idealizado de formação militar, perpassado em mais de uma realidade de estudo; no nosso caso, em mais de um país: França e Grã-Bretanha. Assim, procuramos aplicar a História Comparada Problema, observando as singularidades, as diferenças e as possíveis influências mútuas de um manual sob o outro.

As características dos manuais norte-americanos

Provavelmente, quando falamos em manuais de guerra, imaginamos folhetos com instruções de combates e táticas militares para o front de conflito. Porém, os manuais abordados nessa pesquisa não continham instruções para utilizar um armamento ou como um combatente poderia se disfarçar para colher informações do inimigo. Foram, na verdade, ordens pensadas pelos Estados Unidos de como os seus soldados deveriam evitar os atritos culturais com o habitante local para poderem permanecer unidos na guerra e passarem a autoimagem que o governo almejava.

Seguindo esta finalidade, o manual norte-americano para soldados na França afirmou que o intuito foi dar uma ideia geral do país para o qual o soldado iria e servir de guia para o comportamento em relação à população civil. Por sua vez, o manual norte-americano para soldados na Grã-Bretanha, também trouxe o mesmo objetivo, como vemos logo no prefácio:

Foi emitido pelo departamento de guerra dos Estados Unidos em 1942 e distribuído para os soldados americanos que se dirigiam a Grã-Bretanha para prepararam-se para invasão da Europa ocupada. Muitos deles nunca haviam viajado para o exterior e este panfleto visou cercá-los de dicas para ajudar estes jovens para uma vida diferente do país de origem e tentar orientá-los e preveni-los de atritos e mal-entendidos entre a população local de destino^{vi}.

O manual *Instructions for American Servicemen in Britain* a sua primeira versão foi em 1942. A cópia que usamos foi publicada pela editora *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford, publicado em 2004 com 31 páginas, idioma em inglês e formato de livro de bolso. Não possui imagens, é de capa dura, lisa e título escrito em letras maiores em negrito. Pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o tamanho e a facilidade de manuseio. Dividido em cinco capítulos, um prefácio, introdução e a última parte com uma tabela de índices da moeda britânica. Os capítulos se dividem em: “O país”, “O povo-costumes e modos”, “Britânicos na Guerra”, “Linguagem americana X inglesa”, “Alguns pontos importantes (faça e não faça)” e por último, “Tabela da moeda britânica”.

Já o manual destinado aos soldados norte-americanos na França, *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, o original chamado *Pocket guide to France*, foi produzido pelo Departamento de informações do exército dos EUA em 1944, requisitado como confidencial e um manuscrito dentre outros manuais colocados como prioridade para entrega e considerado um dos maiores investimentos editoriais da II Guerra.

A cópia *fac-similar* que utilizamos foi publicada em 2008 pela Universidade de Chicago, com ISBN 978-0-226-84172-4. É no formato de capa-brochura, com 62 páginas, idioma em inglês, dividido em seis capítulos: “Por que vocês estão indo à França”, “O soldado norte-americano na França”, “Algumas páginas da História francesa”, “Postos de observações”, “Na despedida” e por último, “Anexos: vários

acréscimos". Este manual possui algumas imagens desenhadas que retratam o povo francês como receptíveis, relata o sofrimento deles com a falta de alimentos e defendem os franceses.

Nesses dois manuais, utilizam a estratégia de um direcionamento ao leitor, no caso aos soldados:

VOCÊ está indo para Grã-Bretanha como aliado ofensivo- você será convidado britânico para encontrar Hitler e abatê-lo em seu próprio território [...] você derrota a propaganda inimiga não negando as diferenças existentes, mas sim as admitindo abertamente [...] VOCÊ vai descobrir que a Inglaterra é um país muito pequeno^{vii}.

VOCÊ está prestes a desempenhar um papel pessoal ao empurrar os alemães para fora da França. Seja qual for sua função - mecânico, piloto, funcionário, artilheiro - você será um fator essencial em um grande esforço^{viii}.

Notamos em ambos os casos o uso do pronome na segunda pessoa, "você", o que dá uma entonação mais forte nas instruções, dizendo ao soldado que ele era o responsável direto para vencer o inimigo, indicando claramente um direcionamento nas ordens. Estas ordens tinham o objetivo de transformar atitudes e comportamentos através da mobilização da palavra escrita.

Nossa terceira documentação é um livreto em formato de bolso, chamado *112 Gripes about the French*, que utiliza o formato de Pergunta-Resposta, publicado originalmente em 1945, pela Divisão de informação e educação das forças de ocupação dos EUA. A cópia fac-similar que utilizamos foi produzida pela *Bodleian Library*, biblioteca da Universidade de Oxford em 2013, com ISBN: 978 1 85124 039 5. Contém 105 páginas, idioma em inglês, com algumas imagens e dividido em nove capítulos: "Introdução" "Prefácio", "Franceses e nós", "Os franceses", "Os franceses e os alemães", "preços", "O mercado negro", "Aqueles soldados franceses",

"Colaboração francesa", "Eles se safaram muito facilmente nesta guerra" e "Política francesa".

Esse não é um manual que diz o que o soldado deveria ou não fazer. O *112 Gripes* é diferente do *Instructions for American Servicemen in Britain* e do *Instructions for American Servicemen in France* em muitos aspectos. Primeiro pela quantidade de páginas que é bem maior, segundo por ser bem ilustrado, a começar pela capa com desenhos dos prédios de Paris ao fundo e imagens de franceses sorrindo, andando de charretes, casais passeando a pé, de bicicleta, homens, mulheres sendo retratados de forma elegante e bem-vestidos. Mas, ele é diferente, sobretudo, pelos americanos fazerem críticas diretas a um aliado. Nele são descritas 112 reclamações dos soldados americanos com respostas dadas pelo governo estadunidense, como podemos observar, na queixa 15:

15. Os franceses são pidões terríveis. Eles ficam pedindo doces, sabonetes, cigarros e comidas aos soldados. Eles não têm nenhum respeito próprio!

Alguns franceses são pidões.

Resposta do governo americano: Gente faminta perde o orgulho próprio.

Um estômago vazio não se preocupa em ser menos respeitado pelos outros^{ix}.

No entanto, temos diferenças, mas também semelhanças. A forma da escrita sendo direto, o mais objetivo possível e, podemos notar claramente a ideia da cultura americana e do próprio americano como superior, algo presente nos manuais, mas de forma mais camuflada. O *112 Gripes about the French* foi selecionado para fazermos um contraponto com o *Instructions for American Servicemen in France* (1944). Se já existia um manual com a intenção de apresentar a cultura francesa ao americano a fim de não ter ou diminuir os choques culturais, por que há tantas reclamações dos soldados americanos em

relação aos franceses? Quais foram as motivações para a criação desse livro de bolso?

Mesmo o *112 Gripes about the French* sendo diferente em vários aspectos em relação aos dois manuais americanos selecionados para este texto, podemos notar que existia determinado padrão. Todos os livros são de formato de bolso, com linguagem direta, clara, de fácil entendimento. As três documentações têm o principal objetivo em comum: fortalecer as relações entre os países que lutavam do mesmo lado. Isso incluía tentar superar os estereótipos e explicar ao soldado americano culturas diferentes das suas, principalmente levando em conta que muitos soldados americanos eram civis que nunca haviam saído dos Estados Unidos. Assim, o governo estadunidense queria formar um tipo de soldado ideal: aquele que deveria fazer propaganda da sua imagem e mostrar que mesmo numa guerra os soldados norte-americanos devem ser gentis, educados e respeitosos.

O “soldado cidadão” americano

Seja amigável sempre, mas não se intrometa onde não for chamado. Não coma muito quando convidado para qualquer evento, você estará comendo parte da ração de alguém. Não faça piadas do sotaque ou da linguagem; você também tem sotaques engraçados para eles, mas eles não irão fazer pouco ou brincar com isso. Evite comentários políticos. Não fique falando sobre a vitória da América na última guerra e nem faça comentários sobre qualquer derrota britânica^x.

Se uma senhora te convidar para uma refeição com ela e sua família, vá com calma. Ela fará o melhor para que tudo esteja delicioso; mas o que está à mesa pode ser tudo o que eles têm. E dê uma mãozinha a ela na casa para ajudar com o trabalho extra que você dará por estar lá. A França tem sido representada muito frequentemente na ficção como uma nação frívola onde piscadelas manhosas e tímidos tapinhas

“na traseira” são a forma aceitável de abordagem. É melhor você se livrar dessas noções agora mesmo se quiser ficar longe de problemas^{xi}.

As citações acima foram instruções direcionadas aos soldados americanos que se dirigiam para Grã-Bretanha e França em 1942 e 1944. As orientações foram pensadas para tentar moldar o comportamento do combatente americano na II Guerra Mundial frente ao habitante local. Isso fica evidente quando o manual diz ao soldado que ele seja respeitoso com os sotaques diferentes, consciente ao fazer uma refeição quando convidado, prestativo se oferecendo para ajudar, sendo humilde e não ficar fazendo comentários sobre as vitórias dos EUA e as derrotas da França e Grã-Bretanha.

Também, percebemos que havia uma preocupação em lembrar ao combatente sobre os estereótipos sobre a França como um lugar imoral e a visão errônea de que poderia cumprimentar as mulheres francesas de qualquer maneira. Ou seja, o soldado, além de ser eficiente militarmente, deveria ficar atento a autoimagem porque ele representava os Estados Unidos da América. Se ele tivesse um comportamento inadequado, a imagem que ele iria passar não é a dele em si, mas a de sua pátria.

O combatente deveria ser a própria propaganda dos EUA de país civilizado e superior em todos os sentidos. Isso representa o conceito de autoimagem, controle e autocontrole que o teórico Norbert Elias^{xii} fala em sua teoria do processo civilizador I e II^{xiii}. O soldado americano deveria estar atento ao que falava, como falava, como tratava o habitante local, deveria conhecer a História, moeda, geografia, política e cultura do país que estava atuando militarmente.

Assim, o “soldado cidadão” era aquele que deveria saber manejar armas, serem frios na hora de combater o inimigo, mas também serem gentis, compreensíveis e até mesmo amigo do seu aliado na guerra, independente de

pensarem e de terem costumes diferentes. No manual de instrução para soldado americano na Grã-Bretanha (1942), o governo instruiu ao combatente ir à igreja com os britânicos, aprender o *football* e nunca criticar o rei da Inglaterra. Alertou que apesar de eles serem uma monarquia, também eram representantes da democracia. No manual do soldado americano para a França (1944), foi ensinado ao soldado que os franceses gostam de um bom vinho ao invés da cerveja e que um dos lugares preferidos frequentados por eles são os cafés.

Esses homens que precisaram se tornar soldados por conta da necessidade da guerra, tiveram que absorver de modo rápido e efetivo valores e ética comportamental que deveria nortear sua atuação militar em território estrangeiro. Os manuais de instruções por serem curtos, com linguagem rápida e direta (faça e não faça), se tornaram um dos instrumentos que o Estado americano almejava para que seus soldados internalizassem as instruções e demonstrassem em suas atitudes os valores de acordo com o pensamento idealizado pelo governo.

Porém, existia diferença entre aquilo que os EUA idealizavam e as ações dos soldados diante de culturas distintas das suas. Através do método comparativo e da confrontação das instruções dos manuais com o livreto *112 Gripes about the French* (1945) e com bibliografias, percebemos que entre aquilo que estava escrito e as ações dos soldados nem sempre condiziam com a realidade.

As estratégias educacionais para o “soldado cidadão” americano

Partimos do ponto da dominação que os Estados Unidos buscaram impor, sobretudo a partir do século XX, para tentarmos compreender que as instruções contidas nos manuais americanos também serviam para representar o imperialismo estadunidense. Este imperialismo é uma referência ao comportamento autoritário de influência militar, cultural, política, geográfica e econômica dos Estados Unidos sobre os outros países. Focaremos nestas

influências através das ordenações passadas aos soldados, percebendo como de maneira sutil, muitas vezes nas entrelinhas, os americanos impuseram a sua política que gerou uma cultura de dominação.

No caso dos Estados Unidos, o imperialismo está enraizado na crença do diferencial em relação aos demais países do mundo e que eles teriam como missão a difusão dos ideais de liberdade, igualdade e democracia. Esta propagação ficou mais nítida a partir do mandato do presidente Franklin Delano Roosevelt (1933–1945), num contexto de democracia liberal e de afirmação de uma política externa democrática.

Segundo Resende^{xiv}, esta política foi baseada na crença que os americanos são excepcionais, ou seja, que os EUA gozam de uma condição única no mundo. Tal mito diz que a nação americana possui condições singulares como um sentido peculiar de individualismo igualitário, a organização da liberdade capaz de produzir um tipo de liberalismo americano, a carta constitucional, entre outros. Estes preceitos acabam sendo reproduzidos no imaginário coletivo nacional, criando a ideia de dominação e superioridade dos EUA em relação a outras culturas e países.

Portanto, inicialmente observamos quais estratégias educacionais foram usadas pelo Estado norte-americano nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*, para tentar fazer o soldado forte não só fisicamente, mas ideologicamente, impondo sua dominação. Afinal, qualquer livro escrito passa por uma produção e intencionalidade, desde o ato da escrita, técnicas e intervenções, como dos revisores e livreiros editores^{xv}.

Em cada manual, houve uma preocupação com as diferenças culturais dos países em que os soldados atuaram e isso trouxe mudanças nos folhetos. Observamos nas análises, que uma das táticas usadas para instruir estes soldados

era a especificidade, ou seja, as ordens eram adaptadas para o país que o soldado se dirigia. Havia uma preocupação em lembrar aos combatentes dos ideais que estavam em jogo na guerra, e, para não haver nenhuma divergência quanto a este objetivo, a diferença entre as formas de governo foram exploradas, como podemos ver no manual destinado aos soldados que se dirigiam a Grã-Bretanha:

Embora você leia em muitos jornais e papéis sobre lordes e senhores, a Inglaterra é ainda um dos maiores berços da democracia e o berço da liberdade americana. Algumas leis e regras pessoais dos reis já estão extintas há milhares de anos. Hoje o rei reina, mas não governa. O povo britânico tem grande apreço pelo monarca, mas tem retirado dele praticamente todo poder político. Hoje o poder do rei tem sido transferido para o parlamento, o primeiro-ministro e seu gabinete. O parlamento britânico tem sido chamado de mãe de todos os parlamentos porque quase todos os corpos representativos do mundo têm copiado o modelo britânico^{xvi}.

A História dos países foi outra estratégia usada pelos manuais norte-americanos para afirmar o poder da Grã-Bretanha e, sobretudo, da França, mostrando que os soldados estadunidenses estavam indo lutar juntos, salvar os franceses das mãos do inimigo. Como a França foi ocupada em 1940, existia a preocupação de que os franceses não fossem julgados e, relembrar as vitórias da França, servia para que houvesse a tentativa de respeito aos esforços de guerra dos franceses.

Ainda observamos outras táticas utilizadas pelo Estado americano para educação do soldado. Uma delas, presente nos dois manuais, foi o uso da comparação entre a realidade do soldado americano com a francesa, quando dizia que a cidade da Normandia (França), se parecia com a de Ohio (Estados Unidos) e que Paris não era a França, assim como Nova York não era os Estados Unidos. A tática do método comparativo servia para apresentar o país e fazer com que não parecesse tão distante do conhecimento dos americanos.

Nos folhetos, enalteciam o povo francês e britânico a fim de os soldados norte-americanos não dessem atenção às críticas ou rixas entre os países aliados. Por isso, uma lista com seis características do povo francês foi apresentada, mostrando que eles tinham raciocínio rápido, econômicos, realistas, bons de cozinha, bons de conversas, individualistas e tradicionais. Dos britânicos, foi dito que eram firmes, tímidos em demonstrar sentimentos e honestos. Tudo isso numa tentativa de desmistificar a imagem que os americanos tinham dos europeus como um povo atrasado.

Por último, observamos outra estratégia usada pelo Estado norte-americano para educação do soldado: a preocupação com a linguagem, afinal, se as tropas eram incentivadas a terem uma boa relação com a população local, precisavam se entender. Assim, houve alertas com as diferenças de sotaques e com gírias inglesas que os soldados poderiam não entender. No manual destinado aos combatentes na França, uma atenção maior foi dada nesse aspecto, visto que o francês difere muito da língua inglesa. No último capítulo do folheto foi dada uma espécie de dicionário com várias expressões francesas com a respectiva tradução para o inglês.

No folheto norte-americano destinado aos soldados na Grã-Bretanha (1942), na lista do que os combatentes não poderiam falar, o manual alertava para não fazer piadas sobre salário e dizia que apesar do americano ganhar mais, isso não deveria ser motivo para se enaltecerem e depreciar seu aliado. Essas e outras passagens mostraram a contradição que existia, afinal, o soldado não deveria ser um exibido, mas necessitava ter a consciência que os norte-americanos eram superiores e decisivos para derrotar o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Os conflitos culturais entre os Aliados: Estados Unidos, Grã-Bretanha e França

Na Segunda Guerra Mundial houve a formação do grupo dos Aliados, compostos pela França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, que só entraram de fato no conflito em dezembro de 1941 após o ataque a Pearl Harbor. Também, a União Soviética entrou no grupo em 1941, após ser invadida pela Alemanha. Dessas alianças formadas, focaremos neste texto apenas nas relações entre os EUA, Grã-Bretanha e França.

Como já vimos, os manuais de instruções foram criados para informar aos soldados sobre o país que ele estava sendo enviado e dar orientações sobre comportamentos que deveriam ser evitados e outros incentivados, com o objetivo de manter os exércitos unidos mesmo tendo costumes diferentes. Porém, entre aquilo que foi idealizado pelo estado norte-americano e o que ocorreu no cotidiano foi diferente. Analisando as documentações e bibliografias, percebemos que havia vários embates e choques culturais.

Norbert Elias^{xvii} nos ajuda a entender essa ideia de costumes sendo construídos por meio de processos sociais que diferem de acordo com a época e o meio social. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar sociedades diferentes, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, que tentaram formar concepções sobre si, transmitindo sua autoimagem e elaboraram imagens sobre o outro ao apresentarem aos soldados a cultura do seu aliado.

A partir da formação dos Estados Modernos, a ideia de controle social ficou mais nítido quando o Estado passou a fazer coerções externas, ou seja, quando criou leis e normas para a vida em sociedade. Elias nos diz que esse controle efetuado através do Estado é convertido em autocontrole, ou seja, o indivíduo por ser compelido aprende a moldar seus comportamentos, a viver de acordo com padrões estabelecidos e a ser incentivado a ter um autocontrole das suas ações. Como resultado, imbuídos por sentimento de medo, vergonha, e repugnância, o

indivíduo para se inserir no meio social, passa a tentar incutir em si mesmo um comportamento exigido pela sociedade^{xviii}.

Norbert Elias diz que “desde o começo da mocidade, o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão dos resultados de seus atos, de que precisará para desempenhar funções adultas”^{xix}. Assim, o autocontrole é um processo que começa desde cedo e a educação é um meio do Estado de incutir na sociedade e atingir as idealizações de comportamento.

Trazendo para a temática desta pesquisa, os manuais foram um meio de tentar internalizar as ordens e fazer com que os soldados adquirissem este autocontrole. Não queremos com isso, dizer que os combatentes conseguiram atingir o controle das suas ações. Não foi possível dizer quantos soldados leram ou não essas ordens, nem quantos internalizaram pois, como diz Roger Chartier,

No cruzamento das artes de ler com as artes de escrever, ou seja, na relação entre as normas propostas à leitura e as práticas incorporadas pela via escrita, o diagnóstico é sempre arriscado porque o livro feito para ser lido, nem sempre o é, pois, do prescrito ao realizado as apropriações pode ser múltiplas e singulares^{xx}.

Os problemas gerados pela falta de obediência durante a guerra não foram poucos. Houve os estupros individuais e coletivos, os saques, a corrupção, a esbórnica, entre outros^{xxi}. Estar ajudando outro país e vangloriar-se de uma pretensa superioridade frente aos demais foram condutas que acirraram ainda mais as diferenças e queixas entre eles. Entre os americanos e ingleses as desavenças não foram poucas. Havia a reclamação de que os americanos que só entraram no conflito depois, achavam que sozinhos seriam os responsáveis por decidir rapidamente a vitória. No momento da chegada dos americanos ao front no fim de 1942, muitos soldados britânicos já estavam no campo há anos e a experiência deles mostrava isso. Inicialmente os americanos sentiam admiração pelo

conhecimento tático dos ingleses, pelas suas vestimentas impecáveis, pelo hábito de fazer a barba religiosamente todos os dias, fizesse chuva ou sol, com água quente ou fria^{xxii}. Essa admiração chegou ao ponto de novatos americanos se sentirem inseguros por acharem que precisavam provar aos britânicos sua eficiência militar nas batalhas.

Os americanos reclamavam que os britânicos eram muito reservados, distantes, difíceis de fazer amizade, ao contrário dos estadunidenses que se acham mais sociáveis. Por exemplo, um soldado da 34ª Divisão de Infantaria que ajudou a descarregar material inglês da África do Norte para Bari, na Itália, no outono de 1943, escreveu em seu diário: eles (britânicos) eram caras legais, mas não se misturam muito conosco^{xxiii}.

Os americanos consideravam os oficiais britânicos tão frios e mais soberbos ainda que seus subordinados e as opiniões sobre eles iam de “Coronel Pomposo Reacionário” a “muito cheio de si”. Os estadunidenses também não compreendiam alguns costumes dos britânicos como o ritual do chá. Os soldados carregavam xícaras esmaltadas penduradas nas suas bagagens e quando chegava a hora do chá, geralmente não abriam mão, o que irritava os americanos que consideravam isso banal e atrapalhava o andamento das operações.

Houve um caso em que tropas envolvidas na Batalha de Ardenas não tiveram sua liberação feita pela Divisão Britânica, que sofreu uma interrupção na manhã de 1º de janeiro de 1945. Após investigação descobriram que os britânicos às 10h da manhã fizeram uma parada no meio da estrada para ferverem chá. Fatos como esses geraram a desconfiança dos americanos, que criticaram ainda mais os hábitos dos ingleses. Além dessas queixas, surgiram mais críticas sobre os costumes britânicos, como: a saudação desajeitada com a palma na parte superior da testa; o problema com motoristas que negligenciavam a direção do

lado direito no continente; os sapatos baixos, as meias na altura dos joelhos e os saiotes dos soldados escoceses.

Dessa maneira, aquela admiração inicial pelo exército britânico começou a desaparecer entre os americanos, que achavam as tradições ultrapassadas, muito rígidas de um exército imperialista velho, que parecia inadequado a um novo tipo de guerra. As diferenças entre a quantidade de armas modernas que os americanos possuíam em comparação com as deficiências de material que a Grã-Bretanha enfrentava também era motivo de piadas. Por esses motivos o manual *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* deu tantos alertas aos soldados pedindo união e lembrando que britânicos e americanos eram aliados na guerra, que Hitler se aproveitaria para propagar as intrigas e que se isso ocorresse, a vitória certamente estaria com os nazistas^{xxiv}.

Da outra parte, dos britânicos com os americanos, também existiam insatisfações. Muitos se sentiam inferiorizados pelo fato de o soldado americano ter um salário melhor, reclamavam que os estadunidenses roubavam suas mulheres, seus cigarros e que deixavam grande quantidade de equipamento descartado para trás nas suas áreas^{xxv}.

Porém, além dos casos de intrigas na relação entre os soldados, havia os crimes cometidos, como os estupros. Por conta disso, todos os manuais analisados nesta pesquisa deram instruções para que respeitassem as mulheres, fossem cidadãs comuns ou oficiais. Na França, as mulheres tiveram problemas com os estereótipos criados. Na década de 1930 houve uma explosão de cabarés, casas noturnas e bordéis que fizeram com que a capital francesa fosse vista como a cidade do divertimento, dos prazeres e da liberdade. Por conta dos inúmeros bordéis, às mulheres eram generalizadas como prostitutas, “fáceis” e cognominadas de “Uh lá lá!”^{xxvi}.

A prostituição acabou sendo muito explorada durante a guerra devido ao grande número de homens dos exércitos que longe de casa aproveitavam para suprirem suas “necessidades”. Esta imagem estereotipada das francesas acabou contribuindo para que ocorresse um maior número de violência sexual cometidos por soldados americanos na França. Só em abril de 1945 houve 260 queixas de estupros, fora os casos que não eram denunciados. As francesas, confiantes nos seus “libertadores”, seguiam para os acampamentos militares para trocar algum item e acabavam sendo violentadas^{xxvii}.

Apesar das orientações (ordens) dadas aos soldados americanos para manterem a diplomacia com os franceses no manual *Instructions for American Servicemen in France* de 1944, os problemas entre americanos e franceses ainda eram significativos. Então, o governo criou o livreto *112 Gripes about the French* em 1945. No prefácio traz a explicação para sua criação:

O livreto tenta ajudar alguns de nós a entender um aliado – os franceses. Não tem como intenção “defender” os franceses ou punir aqueles americanos que não gostam dos franceses. Seu objetivo é simplesmente trazer essas irritações, insatisfação e mal-entendidos – os quais surgem porque é geralmente difícil para pessoas de um dado país compreender pessoas de outro – para um foco racional e razoável^{xxviii}.

As reclamações dos americanos em relação aos franceses eram as mais variadas possíveis. Iniciam falando que eles foram para a Europa salvar duas vezes os franceses em vinte e cinco anos, achavam eles mesquinhos, diziam que olhavam “torto”, que os odiavam, afirmavam que eles nunca fizeram nada pelos americanos e não podiam contar com eles, que eles haviam dado tudo aos franceses, como uniformes, jipes, caminhões, suprimentos, munições, que os americanos eram extorquidos pelos franceses nos clubes noturnos, que não eram

amigáveis e reclamavam das instalações que diziam ser velhas, que eles tinham mau cheiro, que não tinham motivos para se importar com a França^{xxix}.

Outras reclamações no livreto *112 Gripes (1945)*, chama atenção, como na queixa 25:

*25. Os franceses estão nos roubando".
Alguns franceses certamente tiraram vantagem de alguns americanos.
Lembramos das vezes em que fomos prejudicados. Esquecemos o número de vezes em que não fomos. Quantas vezes vocês foram tratados justa e honestamente? Ou vocês nunca foram "roubados" em casa – nas cidades próximas dos acampamentos militares?^{xxx}*

Observamos que até mesmo em casos de reclamações dos americanos que o próprio governo reconhecia, como mostra a citação acima, há todo um argumento para justificar o comportamento dos franceses. O uso da comparação para que o soldado reflita e mude sua percepção foi extensivamente utilizado no *11 Gripes about the French*. Para todo questionamento dos mais variados possíveis, havia toda uma exposição de explicações. Isso nos mostra que esse livreto foi escrito por pessoas especialistas em análises comportamentais que sabiam quais palavras usar para mudar o sentido do que estava sendo dito. Ou seja, havia clara intenção de manipulação por parte do Estado americano.

Na queixa 34, mostra esse esforço dos Estados Unidos, em usar toda uma argumentação para rebater a crítica do soldado americano, como podemos observar:

*"O que esses sapos já trouxeram de contribuição para o mundo, afinal?"
Fora o fato de que as concepções básicas de liberdade, direitos humanos, e governo do povo receberam seus maiores incentivos dos escritores e pensadores franceses do período Iluminista, "esses sapos" fizeram contribuições para a história, a literatura, ciência, arte, filosofia e ideias políticas*

que formam um dos mais brilhantes e orgulhosos feitos da civilização humana. Os feitos da França estão de igual para igual aos de qualquer outra nação do mundo, e em muitas páreas, estão em posição bem superior aos de outras nações^{xxxj}.

Após trazer todos esses relatos da contribuição dos franceses com o movimento iluminista que trouxe os ideais de liberdade, o livreto ainda fornece uma lista imensa com nomes de escritores franceses, cientistas, músicos, pintores, escultores, filósofos e historiadores. Todo esse esforço para argumentar que os franceses não eram qualquer povo e que o soldado americano deveria reconhecer isso.

Em meio a tantos conflitos culturais, reclamações de convivências dos soldados americanos para com os seus aliados britânicos e franceses, percebermos que as instruções que foram dadas anteriormente nos manuais americanos *Instructions for American Servicemen in Britain* (1942) e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II* (1944) na prática não funcionaram da maneira como o Estado americano idealizava.

Mas, nos chama atenção essa preocupação dos americanos em insistir nas ordens para que o soldado passasse a autoimagem que o Estado americano queria. Especialmente no caso da relação com os franceses que, para reforçar as orientações dadas anteriormente, foi criado em 1945 o livreto, o *112 Gripes about the French*. Se no manual foram elencadas 112 reclamações, isso mostra que existia muito mais, que as que foram selecionadas provavelmente eram as mais recorrentes.

É importante pensarmos que para elaborar esses materiais houve um grande investimento e preparação do governo norte-americano. Se houve esse esforço significativo, nos mostra que os interesses por traz eram tão grandes quanto os investimentos. A autoimagem, algo que os americanos fazem até hoje

através de filmes, séries, músicas, comidas, é uma afirmação de poder e de superioridade, que esteve presente em toda história americana.

Foi após a Segunda Guerra que o país se tornou uma potência mundial. Para isso, mesmo antes da entrada no conflito, eles já estavam fazendo suas manobras políticas, como a formação de alianças com os outros países americanos, incluindo o Brasil. Assim, entendemos que os manuais de instruções criados pelos Estados Unidos fizeram parte não só da preocupação em manter seus aliados cada vez mais unidos, mas de uma manobra política que visava a afirmação do poder e da superioridade norte-americana.

As comparações entre os manuais

A partir das análises das estratégias educacionais utilizadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha nos manuais, de início percebemos muitas semelhanças entre os manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)*. A primeira semelhança foi o formato dos manuais, em livros com capa brochura e de bolso para que o soldado pudesse carregá-lo. Outra semelhança foi o direcionamento que cada manual teve, ou seja, um livreto para cada país em que o soldado foi recrutado. Além disso, a metodologia entre estes folhetos também foi muito semelhante, curtos, diretos e claros, a fim de que o maior número de soldados lesse.

Além dessas semelhanças, tivemos outras como a utilização da comparação entre a realidade do soldado com o habitante de outra nação. Por isso, também foram guias informativos sobre a história, geografia, moeda, costumes, linhagem e regras de cada país. Por último, outra analogia se deu nos estereótipos criado sobre o aliado e na estratégia de mostrar um país e habitantes que muitas vezes não condiziam com a realidade, mas que foram elaborados a

fim de não revelar os pontos negativos aos soldados com o intuito de evitar as críticas entre os combatentes.

Das diferenças, observamos que o manual destinado aos soldados na França teve maior preocupação com a segurança pelo fato da ocupação alemã e, elevaram a moral dos franceses em várias partes dos folhetos, por todo contexto de críticas à atuação do exército francês na guerra. Além disso, deram ordenações mais enfáticas com relação ao respeito às mulheres, tentando evitar as generalizações das francesas como prostitutas. Porém, a maior diferença entre eles foi de conteúdo, pois, apesar de termos instruções que se repetiram, os argumentos foram baseados na cultura e nos hábitos dos habitantes.

Dessa forma, diante das semelhanças e diferenças, de início podemos chegar a algumas conclusões. Primeiro, os manuais foram produzidos dentro de um projeto de formação militar tendo em vista que, para cada país que os soldados aliados foram, os Estados americano e britânico produziram um manual, como podemos ver no prefácio do *Instructions for American Servicemen in France*^{xxxii}.

Segundo, tendo em vista as muitas semelhanças, desde o formato, a metodologia, o conteúdo, podemos perceber que houve as influências mútuas, apontadas por Bloch^{xxxiii} como próprias do método comparativo. Essas influências são ainda mais perceptíveis quando observamos os manuais fazerem referência ao outro.

Terceiro, observamos que as estratégias educacionais presentes nos folhetos foram instrumentos de propaganda dos Aliados e serviram também como contrapropaganda para combater as ações do Eixo, na medida em que deram alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães, pediram cuidado com a sabotagem e espionagem do inimigo, sobretudo no manual destinado aos soldados que foram para França.

Considerações

Ao decorrer desta pesquisa, compreendemos que diante de um conflito mundial que explorou todos os campos, as ideias não ficaram de fora. Como parte de um verdadeiro esforço, os Aliados investiram fortemente na propaganda contra o Eixo. Essa propaganda incluiu cinema, cartazes, rádio e livros, demonstrando uma guerra em que o psicológico foi tão importante quanto o físico, marcado por disputas ideológicas. Percebendo isso, os Estados Unidos criaram manuais de guerra como instrumentos de propaganda contra o inimigo, como um fortalecimento das alianças formadas.

O estudo desses manuais dentro da História da Educação nos possibilitou analisar estes folhetos como suportes pedagógicos, usados pelos EUA e Grã-Bretanha para tentar desmistificar os estereótipos criados do aliado, manter a união na guerra, alertar contra as sabotagens do inimigo e apresentar o país para o qual o soldado foi enviado, a fim de tentar evitar os conflitos culturais, o estranhamento diante do comportamento do outro.

Porém, através da análise dos manuais com bibliografias e com o folheto *112 Gripes about The French (1945)*, percebemos que entre a idealização de um soldado amigo, gentil, cidadão, prestativo, na prática não foi exatamente assim. Pois, mesmo com esse projeto de escrever manuais de orientações para polir as ações dos soldados, era impossível controlar totalmente as ações e falas dos combatentes ao lidar com o outro com costumes e hábitos diferentes dos seus.

Na construção desses folhetos, foram utilizadas ferramentas educacionais na tentativa que o soldado adotasse o comportamento idealizado pelo Estado. Estas estratégias incluíram um direcionamento nas ordens, uma clareza nas determinações, o uso da História dos países a fim de elevar a moral, munir os soldados de todo conhecimento possível sobre o país que ele não conhecia e o

uso da comparação entre as realidades dos combatentes para apresentar o aliado.

Na análise desses manuais, compreendemos que estes folhetos fizeram parte de um projeto de educação pensado pelos Estados Unidos, pois, para cada país que o soldado foi enviado, existia um manual com especificidades dos costumes do habitante local. Como vimos, foi algo planejado, afinal o governo americano poderia criar apenas manuais gerais de orientações sobre como lidar com culturas diferentes num país estrangeiro. No entanto, eles reconheciam que para derrotar o inimigo, era necessário todo um esforço de guerra e preparação em vários campos. Os manuais estão entre essas táticas para vencer a guerra.

Assim, concluímos que além de um combatente eficiente militarmente, os Estados tentaram formar o soldado cidadão cosmopolita, aquele que deveria representar a imagem de sua pátria, se adaptar à realidade que era diferente da sua projetando o comportamento idealizado pelos Estados americano e britânico.

O uso da História Comparada nos possibilitou estudar três realidades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, observando as alianças formadas. Além disso, vimos que as tensões e choques entre os soldados aliados não foram incomuns, algo que se fôssemos estudar isoladamente dificilmente perceberíamos. Também, nos possibilitou compreender que as muitas semelhanças entre os manuais. Além disso, o método comparativo trouxe as influências mútuas. Com um estudo isolado, não conseguiríamos observar as analogias entre os manuais.

Também, dificilmente iríamos perceber as singularidades de cada manual, que ocorreram devido às diferenças entre as culturas. No entanto, ressaltamos que a nossa documentação até o momento de escrita desse texto, não nos possibilitou dizer como foi a produção desses manuais, quantas tiragens tiveram, quais os profissionais contratados para isso ou se houve eficácia na entrega para as mãos

dos soldados. Só um mergulho em novas fontes históricas talvez possa responder a estes questionamentos.

Notas

- ⁱ FERRAZ, Francisco Cesar. **Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2022.
- ⁱⁱ MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra**: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- ⁱⁱⁱ BARROS, José D' Assunção. **História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história**. Revista de História Comparada. Vol. 01, número 01, jun./2007.
- ^{iv} THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada**: Olhares Plurais. Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.
- ^v BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: **Marc Bloch**: una historia viva. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- ^{vi} WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942. (Tradução da autora)
- ^{vii} Idem. p. 03. (Tradução da autora)
- ^{viii} ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen um France During World War**. Chicago, 1944, p.01. (Tradução da autora)
- ^{ix} INFORMATION & EDUCATION DIVISION. **112 Gripes about the French**. PARIS, Of The US Occupation Forces, 1945, p. 10. (Tradução da autora)
- ^x WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942
- ^{xi} ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen um France During World War**. Chicago, 1944. (Tradução da autora)
- ^{xii} ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.
- ^{xiii} ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.
- ^{xiv} RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa**: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana. São Paulo: USP, 2009.
- ^{xv} CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.
- ^{xvi} WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942, p. 12 e 13. (Tradução da autora)
- ^{xvii} ELIAS, Op. Cit., 2011.
- ^{xviii} ELIAS, Op. Cit., 1993.
- ^{xix} Idem, p. 202.
- ^{xx} CHARTIER, Op. Cit., 1998.
- ^{xxi} AMBROSE, Stephan. **Soldados Cidadãos**: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944

a 7 de maio de 1945. Tradução: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil, 2010.

^{xxii} SCHRIJVERS, Peter. Part II: **The Soldiers. In: The Crash of ruin:** American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 33.

^{xxiii} Idem, p. 32 e 33.

^{xxiv} WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain.** Washington, D.C.: 1942, p.03. (Tradução da autora)

^{xxv} Idem, p. 36 e 37.

^{xxvi} QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939-1945).** Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lousse do Brasil, 2009, p. 37 e 38.

^{xxvii} Idem. p. 58 e 59.

^{xxviii} THE INFORMATION & EDUCATION DIVISION. **112 Gripes about the French.** Paris: 1945, p. 8. (Tradução da autora)

^{xxix} Idem, p. 21. (Tradução da autora)

^{xxx} Idem, p. 18. (Tradução da autora)

^{xxxi} Idem, p. 27-34. (Tradução da autora)

^{xxxii} ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen um France During World War.** Chicago, 1944, p. 09. (Tradução nossa)

^{xxxiii} BLOCH, Op. Cit., 1992.

Fontes

THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France.** London, 1944.

WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain.** Washington, D.C., 1942.

THE INFORMATION & EDUCATION DIVISION. **112 Gripes about the French.** Paris: 1945.

Referências

AMBROSE, Stephan. **Soldados Cidadãos: do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha,** 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945. Tradução: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil, 2010.

BARROS, José D' Assunção. **História Comparada –Um novo modo de ver e fazer a história.** Revista de História Comparada. Vol. 01, número 01, jun./2007.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2011. 1v.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.

FERRAZ, Francisco Cesar. **Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2022.

MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: História e estratégias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAYNARD, Andreza. **O uso político dos personagens da Disney e a aproximação Bra-sil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial**. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C. T. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745–766.

PECEQUILO, Cristina Sorenau. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2011.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939–1945)**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lorusse do Brasil, 2009.

RESENDE, Erica Simone Almeida. **Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas de política externa norte-americana**. São Paulo: USP, 2009.

RIDING, Alan. **Paris – A Festa Continuou: A vida cultural durante a ocupação nazista (1940–4)**. Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHRIJVERS, Peter. Part II: **The Soldiers**. In: The Crash of ruin: American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 29-49.

SCHRIJVERS, Peter. Part III: **The Civilians**. In: The Crash of ruin: American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 124-131.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais**. Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.

TOTA, Pedro. **Segunda Guerra Mundial**. IN: MAGNOLI, Demétrio. Histórias das Guerras Org. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido: 20/01/2025

Aprovado: 02/03/2025

Publicado: 31/03/2025